Passados, presentes e possíveis futuros das mulheres na Arquitetura e Urbanismo

POR CAMILA ALMEIDA BELARMINO

¶ O OBJETIVO DESTE TEXTO é propor uma reflexão entre as noções de passado, presente e futuro e como essa consagrada tríade temporal pode nos sinalizar algo sobre a presença da mulher no campo da Arquitetura e Urbanismo. E, neste caso, a ideia é sugerir mais perguntas do que respostas para pensarmos as possíveis condições das mulheres na área e os caminhos para o ontem, para o hoje e para o amanhã.

O sentido de 'os caminhos para o ontem' pretende dispor não somente a respeito da recuperação das profissionais no passado, mas também sobre a própria concepção de passado da Arquitetura e Urbanismo como estrutura de invisibilidade das mulheres. Conceber maneiras alternativas de olhar para o passado que superem a lógica do "mestre criador" contribui para diferentes ações práticas, como as de reparação histórica e de fortalecimento das representatividades (STRATIGAKOS, 2016. P. 66).

A proposta não é afirmar que as limitações pelas quais as mulheres arquitetas e urbanistas estiveram submetidas no passado são iguais às limitações nas quais estão submetidas hoje. É importante compreender que são tempos históricos diferentes, porém que existem

continuidades. É nesse sentido que passado, presente e futuro se entrelaçam, a partir do que sabemos do ontem, daquilo que insiste em permanecer, e de como aspiramos o amanhã. Ainda sobre esse ponto, é importante considerar que as relações entre presente, passado e futuro são tênues e muito subjetivas, podendo auxiliar no entendimento de premência de certas questões como as de gênero.

Não partimos da noção de que as mulheres arquitetas e urbanistas estiveram, estão ou estarão além do seu tempo. A trajetória de vida, como um todo, diz respeito a uma existência histórica sempre contemporânea à sua época. De modo geral, as experiências exprimem sobre desejos, individualidades, subjetividades, entre outros, mas também acerca de condições sociais, políticas e econômicas que limitam ou impulsionam ações.

Se o objetivo for destacar as mulheres de ontem, de hoje ou de amanhã, a partir de uma excepcionalidade em suas carreiras, será que de fato oportunizaremos sua existência histórica? Falar sobre mulheres se justifica pelo "direito de existir" (DEL PRIORE, 1997, p.9) já que o apagamento de suas falas, corpos e ideias tem sido uma prática sistemática de "longa duração". Tratá-las como personagens geniais talvez possa impedi-las de existir. Essa afirmação não significa que nenhuma delas tenha se destacado pelo conhecimento, pelas atividades exercidas ou pela produção de acordo com os parâmetros profissionais de um determinado contexto. É preciso compreender, no entanto, que algo realizado com uma determinada configuração, em algum tempo do ontem, pode ser retomado de diferentes formas em tantos outros presentes e futuros, enxergando-se qualidades e características não vistas anteriormente. E, se esse processo traz à tona uma série de figuras masculinas que reforçam e constituem a identidade profissional no presente, por que as figuras femininas não são destacadas?

Apontamos três reflexões que podem ser feitas no interior deste debate, isto é, sobre o porquê e como dar visibilidade às mulheres em Arquitetura e Urbanismo, considerando as relações entre passado, presente e futuro. Uma diz sobre a ideia de que as profissionais não fizeram nada de grandioso no passado porque as estruturas limitavam as oportunidades de atuação. E sim, é possível encontrar, dentre as primeiras arquitetas do Brasil, uma diferença no que diz respeito à carreira com relação aos colegas de profissão homens. Enquanto esses estavam sendo contratados como arquitetos no serviço público nas décadas de 1930 e 1940, por exemplo, ainda poucas arquitetas eram contratadas sequer como desenhistas.

A outra reflexão trata da dificuldade de se observar uma representação histórica da mulher na arquitetura no presente de forma tão ampla quanto a masculina. Isso pode demonstrar o quanto a estrutura de exclusão do passado permanece hoje sob um modelo de narrativa que cristaliza a concepção de "ser profissional da Arquitetura e Urbanismo" na lógica do star system (RUBINO, 2019). E, por fim, a terceira reflexão: tensionar hoje a maneira como se concebe o passado no presente pode nos indicar um caminho mais equitativo para atuação profissional no futuro? Reconhecer como as desigualdades se configuram historicamente na área pode ser o primeiro passo para as almejadas mudanças para o amanhã.

Permitir às arquitetas e urbanistas o sentido de existência não é mensurar a capacidade profissional. É possibilitar que a elas seja concedido o direito de tempo histórico que inclua as ações do passado, a atuação do presente e que tipo de futuro desejam construir.

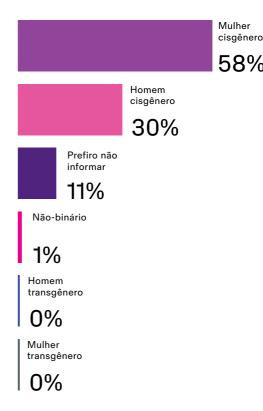
Talvez, entendendo a Arquitetura e Urbanismo como um exercício coletivo, daremos o direito à existência a várias mulheres profissionais na história, porque assim compreenderemos que elas atuaram ao lado de tantas outras personagens já conhecidas e até desconhecidas. E os resultados dessas atuações, projetos e ideias podem ser vistos como fruto de um processo em que diversas personagens tiveram ação.

Como a questão autoral é fundamental na prática da Arquitetura e Urbanismo, e pressupõe um reconhecimento, talvez este seja um ponto a ser confrontado em termos de gênero para o estabelecimento futuros percursos na área: o que significa, para a Arquitetura e Urbanismo, a autoria de um projeto? Como pensar autoria em processos coletivos em âmbito público e privado? Como as mulheres aparecem, ou desaparecem, no que diz respeito à autoria? E que caminhos podem garantir às profissionais de Arquitetura o direito de autoria?

Esse seja, talvez, um esforço de mudança de mentalidade e de reconhecimento de valores que pautam a divisão de gênero das atividades na área cotidianamente no passado e no presente, além de uma sugestão de dessacralização da forma como olhamos para o passado no presente e, como na prática e na linguagem fundamental para área, considerar possíveis projetos de futuro para as mulheres na Arquitetura e Urbanismo. X

CAMILA ALMEIDA BELARMINO É PROFESSORA E
PESQUISADORA NA ÁREA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA
E URBANISMO. BACHAREL E LICENCIADA EM HISTÓRIA
PELA UERI, MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIRIO E
DOUTORANDA EM HISTÓRIA DA ARQUITETURA PELA USP.

COM QUAL GÊNERO SE IDENTIFICA?



© CAU/BR 2020. 7 https://bit.ly/3QVtqjT

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI (coord.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

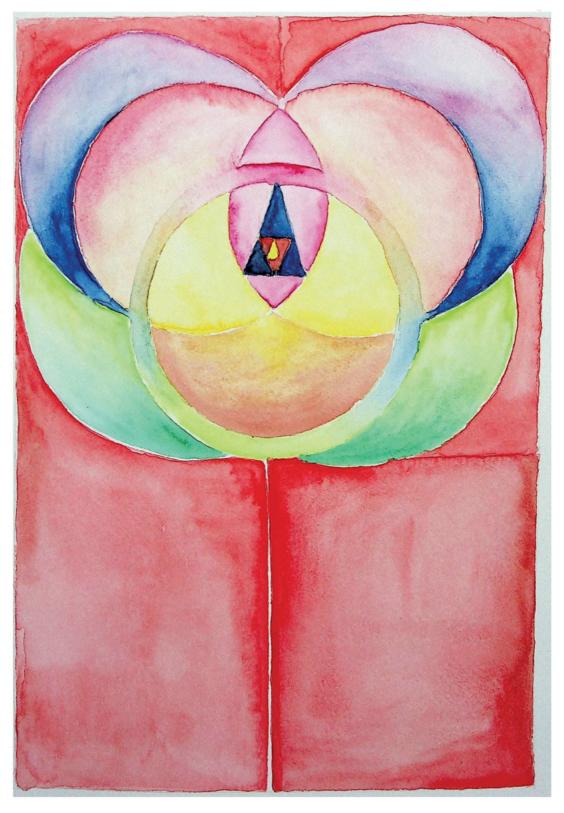
BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

RUBINO, Silvana. Mundo da arquitetura esconde mulheres, diz historiadora. Folha de São Paulo. São Paulo, 32 de agosto de 2019. Disponível em: bit.ly/450rEpb. Acesso em 28/10/2021.

STRATIGAKOS, Despina. Where are the women architects? New Jersey: Princeton University Press, 2016.

NOTA

¹ Categoria cunhada pelo historiador Fernand Braudel e que nos auxilia a pensar o tempo.



Rosa do Tempo. Ilustração sobre os tempos e suas sobreposições. © CAROLINA CARDI PIFANO DE PAULA